

## O 'Caminho de Santiago' e a 'Via láctea': uma análise lexical sobre a denominação de um fenômeno do céu

*'The Way of Saint James' and the 'Milky Way': a lexical analysis on the naming of a heaven phenomenon*

Greize Alves da Silva\*

*Universidade Federal do Tocantins*  
Porto Nacional, Tocantins, Brasil

Jerônima Rodrigues da Silva\*\*

*Universidade Federal do Tocantins*  
Porto Nacional, Tocantins, Brasil

**Resumo:** O conhecimento do sistema astrológico, sua descrição e entendimento, remonta às civilizações antigas, nas quais a sobrevivência dependia da compreensão dos fenômenos que influenciavam o cotidiano, de modo que a abóbada celeste, as estrelas, configuraram significados distintos para cada civilização. Contemporaneamente, a observação e a nomeação dos fenômenos celestes têm ficado relegado às gerações mais antigas, uma vez que os mais jovens estão absorvidos na era digital, fazendo com que designações de um campo semântico que antes fazia parte da vivência caia em desuso. Nesse contexto, o presente estudo realizou um levantamento lexical das variantes coletadas para o questionamento de número 023: designações para a galáxia, coletadas pelo *Atlas Linguístico Topodinâmico e Topoestático do Tocantins (ALITTETO)* (SILVA, 2018), junto a 96 informantes. Como resultados, i) a forma predominante 'Caminho de Santiago' rememora a nomeação vinculada ao universo católico, procedente de tradição ibérica e ii) o fator diatópico não foi preponderante nos dados, tendo a variável diageracional fornecido indicativos de que as designações ligadas ao mundo celeste estão em vias de desaparecimento.

**Palavras-chave:** Dialetolegia. Atlas Linguístico Topodinâmico e Topoestático do Tocantins; campo semântico dos Astros e Tempo; Caminho de Santiago, Via Láctea.

**Abstract:** Knowledge of the astrological system, its description and understanding, dates back to ancient civilizations, in which survival depended on understanding the phenomena that influenced everyday life, so that the celestial vault, the stars, configured different meanings for each civilization. Nowadays, the observation and naming of celestial phenomena have been relegated to older generations, since younger people are absorbed in the digital age, making designations of a semantic field that used to be part of life fall into disuse. In this context, the present study carried out a lexical survey of the variants collected for question number 023: designations for the galaxy, collected by the *Tocantins Linguistic Topodynamic and Topostatic Atlas (ALITTETO)* (SILVA, 2018), along with 96 informants. As a result, i) the predominant form 'The Way of Saint James' recalls the nomination linked to the Catholic universe, coming from the Iberian tradition; ii) the diatopic factor was not predominant in the data, with the diagerational variable providing indications that designations linked to the celestial world are in the process of disappearing.

**Keywords:** Dialectology. Topodynamic and Topostatic Linguistic Atlas of Tocantins; semantic field of the Stars and Time; The Way of Saint James, Milky Way.

---

\*Doutora em Estudos da Linguagem pela Universidade Estadual de Londrina. Docente do curso de Letras e do Programa de Pós-Graduação em Letras (PPGLetras), da Universidade Federal do Tocantins, campus de Porto Nacional. Autora do *Atlas Linguístico Topodinâmico e Topoestático do Tocantins (ALITTETO)* e membro do *Projeto Atlas Linguístico do Brasil (ALiB)* e do GT Estudos Linguísticos na Amazônia Brasileira. Coordena o projeto *Falares do Tocantins: Plurivarietalidade e contexto migratório*. E-mail: greize\_silva@uft.edu.br

\*\*Mestranda em Linguística no Programa de Pós-Graduação em Letras e Linguística (PPGLetras) da Universidade Federal do Tocantins, campus de Porto Nacional. Atua como docente na Superintendência Regional de Educação no município de Pedro Afonso, Tocantins. E-mail: teacherjeronima@gmail.com

## 1 INTRODUÇÃO

O homem sempre foi instigado a interpretar os fenômenos astrológicos e atmosféricos que ocorriam a sua volta na tentativa de compreendê-los e dominá-los, de tal maneira que os astros do céu eram utilizados com diversas finalidades: orientação espacial, passagem do tempo, previsões para agricultura, ou com objetivos relacionados ao mundo espiritual, como previsões do futuro, por exemplo. Da necessidade científica, origina-se a Astronomia, cujo objetivo é o entendimento do universo sideral e dos corpos celestes, com o fim de situá-los no espaço e no tempo e explicar sua origem e seu movimento (HOUAISS, 2009). Em relação a uma visão mais espiritualista, na contemporaneidade, temos a Astrologia, doutrina, estudo com o propósito de decifrar a influência dos astros nos acontecimentos terrenos e na vida interpessoal explicando o mundo e predizendo o futuro (HOUAISS, 2009). De forma pragmática, a Astrologia está para as Civilizações Antigas assim como a Astronomia está para as Civilizações Modernas, uma vez que a primeira era, para os antigos, uma ciência de empiria – o estudo dos ‘*astro + logos*’ –, e se transformou em um saber sobre as leis dos astros – ‘*astro + nomos*’ (BORGES, 2023 [mensagem pessoal]).

Atualmente, percebe-se que o conhecimento sobre a cúpula celeste não tem recebido a mesma atenção por parte dos indivíduos, pois a sociedade atual é caracterizada pelo frequente avanço tecnológico e, com este progresso, a interpretação dos fenômenos da natureza é substituída por outras mais apropriadas aos quesitos científicos e tecnológicos que marcam a contemporaneidade. Soma-se a isso ao fato de que grande parcela da população habita os grandes centros urbanos e, portanto, perdeu o hábito de contemplação do céu e das estrelas, uma vez que as luzes das cidades ofuscam as estrelas; quanto mais iluminada uma cidade, menos estrelas no céu. O costume de observar o céu ainda é recorrente em realidades mais rurais, em que a ausência de luzes urbanas permite apreciar mais o firmamento (BORGES, 2023 [mensagem pessoal]).

O desuso de uma atividade que antes era corriqueira, como um hábito (olhar para o céu, por exemplo) ou uso de um determinado instrumento, faz com que o falante atual desconheça uma forma de nomeação utilizada, outrora, por gerações anteriores. A coleta sistemática dos dados e a interpretação dessa realidade são práticas que cabem à Dialectologia, ciência responsável pelos dialetos, compreendida por Cardoso (2010, p. 15) como: “[...] um ramo dos estudos linguísticos que tem por tarefa identificar, descrever e situar os diferentes usos em que uma língua se diversifica, conforme a sua distribuição espacial, sociocultural e cronológica”.

Ainda no âmbito da Dialectologia, por meio dos atlas linguísticos<sup>1</sup> confeccionados, nota-se que os fenômenos específicos do corpo celeste têm apresentado alto índice de abstenções por parte dos informantes desses trabalhos geolinguísticos (AGUILERA, 2019; SERRA, SILVEIRA, 2020; ALTINO, YIDA, SILVA, 2021, no prelo), ou seja, têm sido cada vez mais latente o desconhecimento do referente, sobretudo em relação às gerações mais jovens. Os falantes, quando questionados sobre nomes de astros, estrelas e fenômenos atmosféricos relatam não se lembrar ou fornecem nomes mais genéricos.

Considerando o exposto, este texto discute e analisa, na esfera dos estudos dialetais, os nomes fornecidos pelos informantes do Tocantins à faixa esbranquiçada no céu, cheia de estrelas,

---

<sup>1</sup> Conjunto de mapas que registram formas dialetais, fonéticas, lexicais ou morfossintáticas, recolhidas *in loco* por meio de inquérito linguístico.

que aparece nas noites, comumente conhecido por ‘Caminho de Santiago’ (nome cristão) ou ‘Via Láctea’ (nome pagão), de acordo com a coleta feita pelo *Atlas Linguístico Topodinâmico e Topoestático do Tocantins* (ALITTETO) (SILVA, 2018). Para essa finalidade, evidencia-se, no próximo tópico uma possível gênese dos processos de nomeação dos corpos celestes, como é o caso da galáxia aqui em questão. Em seguida, analisam-se as variantes coletadas no Tocantins à guisa de outros trabalhos que também se debruçaram sobre o tema.

## 2 O PROCESSO DE NOMEAÇÃO DO CORPO CELESTE: ENTRE O PROFANO E O CRISTÃO.

Os astros foram empregados como referência desde as primeiras civilizações, para as mais distintas atividades: para marcar o tempo, prever a época do plantio/colheita ou mesmo para comemorar festas religiosas (ALTINO, YIDA, SILVA, 2021, no prelo), sendo o céu, os planetas, as estrelas usadas como calendário, como sistema arbitrário de regras para organizar o tempo.

O desenvolvimento da ciência astronômica mais bem fundamentada ocorreu com os gregos:

[...] O ápice da ciência antiga se deu na Grécia, de 600 a.C. a 200 d.C., em níveis só ultrapassados no século XVI. Com o conhecimento herdado das culturas mais antigas, os gregos deram um enorme avanço à Astronomia por acreditarem ser possível compreender e descrever matematicamente os fenômenos do mundo natural. De seu esforço em conhecer a natureza do Cosmos, surgiram os primeiros conceitos de **Esfera Celeste**, uma esfera rotativa de material cristalino, incrustada de estrelas, tendo a Terra no centro (OLIVEIRA FILHO, SARAIVA, 2014, p.02, grifos do autor).

Dentre muitos estudos importantes no campo da Matemática e da Astronomia, o grego-egípcio Cláudio Ptolomeu destaca-se como o responsável pela escrita do *Almagesto* (PTOLEMEU, 1998), importante tratado matemático-astronômico composto por 13 volumes, dos quais os de números VII e VIII apresentam o movimento das estrelas fixas e o catálogo de constelações. Não obstante, a descrição da abóbada celeste como forma de se explicar o universo, os gregos também possuíam questões espirituais ligadas ao céu, às estrelas e às constelações. Em termos mitológicos, eles “acreditavam que as almas eram feitas de uma matéria semelhante à das estrelas, o éter, que consideravam ser o quinto elemento, de consistência etérea e misteriosa mais leve que o fogo” (ESTRELA, [s.d.], [s.p.]), podendo as pessoas, deuses, semideuses beneficiados com um tipo de ‘imortalidade’, tornando-se estrelas das constelações:

As ninfas amas de Dioniso tornaram-se mais tarde **as estrelas da constelação** de Híades (GRIMAL, 2005, p. 122, grifos nossos).

Contava-se ainda que as jovens, desoladas com a morte de seu irmão hias, se teriam suicidado e sido transformadas em **constelação** (GRIMAL, 2005, p. 227, grifo nosso).

Contava-se também que tinha sido a própria Electra que a tinha trazido para a dar ao seu filho a fim de assegurar a protecção da cidade. Mais tarde, Electra e suas irmãs foram transformadas em **estrelas**, formando a **constelação** de Plêiades (GRIMAL, 2005, p. 133, grifos nossos).

Ainda no universo de concessões dos deuses gregos, cujos nomes das constelações modernas são deles procedentes, consta ainda o tema deste texto, a *galaktódes tropo*, ou seja, a ‘Via Láctea’, nossa galáxia de formato espiral, composta por estrelas, poeiras e gases, e é o local em que o Sistema Solar está situado. Para os gregos, o ‘caminho do leite’, ‘caminho leitoso’ e seu consequente aspecto esbranquiçado, teria se originado quando o herói mitológico Hércules (Hércules), quando ainda criança, teria se alimentado no seio de Hera, sua inimiga:

Seria essa a condição, diz-se, para que os heróis pudessem obter a imortalidade, e foi preciso usar de astúcia para que tal condição se cumprisse. Segundo certas tradições, foi Hermes quem colocou a criança sobre o seio da deusa adormecida. Quando esta despertou, repeliu a criança, mas já era demasiado tarde. O leite que escorreu do seu seio deixou um rasto no céu, a Via Láctea (GRIMAL, 2005, p. 206).

Desse momento originou-se a definição da galáxia como o ‘caminho do leite’, procedente da língua grega (*galaktódes tropo*), transplantada para o latim ‘Via Láctea’ e constante em várias outras línguas, também relacionada com aspectos leitoso: em alemão, ‘*milchstraße*’; em francês ‘*voie lactée*’; em inglês, ‘*milky way*’ (AGUILERA, 2019, p. 82).

No universo cristão, a presença dos astros também é uma constante, simbolizando diferentes acontecimentos ligados ao domínio divino. Na *Vulgata Clementina – Biblia sacra juxta Vulgatam Clementinam* (BIBLIA, 2005) –, especificamente no livro da Criação, Gênesis, por exemplo, Deus concebe o corpo celeste a partir do quarto dia: “E fez Deus os dois grandes luminares: o luminar maior para governar o dia, e o luminar menor para governar a noite; e fez as estrelas. E Ele os colocou no firmamento do céu, para que pudessem brilhar sobre a terra, e presidir o dia e a noite, e dividir a luz e as trevas”<sup>2</sup> (BIBLIA, Gn, 1,16-17). Há ainda nos relatos bíblicos a presença dos astros celestes como uma forma de anúncio, revelação, como evidenciado na passagem que narra o nascimento de Jesus, na qual a estrela indica a localização exata do menino aos reis magos (BIBLIA, Mt 2). Ou ainda a presença de estrelas em um contexto de prenúncio da destruição do tempo/mundo proferida por Jesus: “E as estrelas cairão do céu, e as forças que estão nos céus serão abaladas”<sup>3</sup> (BIBLIA, Mc, 13,25).

O conhecimento sobre as constelações, grupos de estrelas e suas formas, também era fundamental para as civilizações indígenas, uma vez que a observação dos astros celestes atuava como uma forma de manutenção da sobrevivência, sobretudo das crianças e dos mais vulneráveis. As tribos planejavam, através da presença dos corpos celestes, o melhor momento para plantar, caçar, pescar e até para engravidar.

Afonso (2009), importante etnoastrônomo brasileiro afirma que as principais construções constelares conhecidas pelos indígenas estão na Via Láctea (Tapi\`i Rape), conhecida como ‘Caminho da Anta’ pela maioria das etnias dos tupi-guarani. Ainda segundo o autor, “[...] os pajés dizem que tudo que existe no céu existe também na Terra, que nada mais seria do que uma cópia imperfeita do céu. Assim, cada animal terrestre tem seu correspondente celeste, em forma de constelação” (AFONSO, 2009, p. 3), e isso explicaria a utilização de vinculações mais zoomórficas para os astros.

<sup>2</sup> No original: “Fecitque Deus duo luminaria magna: luminare majus, ut præset diei: et luminare minus, ut præset nocti: et stellas. Et posuit eas in firmamento cæli, ut lucerent super terram, et præset diei ac nocti, et dividerent lucem ac tenebras” (BIBLIA, Gn, 1,16-17)

<sup>3</sup> No original: “[...] et stellæ cæli erunt decedentes, et virtutes, quæ in cælis sunt, movebuntur” (BIBLIA, Mc, 13,25).

Retomando o âmbito cristão da interpretação e na nomeação popular da faixa esbranquiçada no céu, cheia de estrelas, tem-se a denominação ‘Caminho de Santiago’, vinculada ao nome de São Tiago, ou Santiago, personagem marcante na história bíblica e nas tradições religiosas, sobretudo em Portugal e Espanha. Segundo relatos católicos, Tiago<sup>4</sup> era irmão de João (o Evangelista), filho de Zebedeu e Salomé. Trabalhava juntamente com João, Pedro e André na pesca no mar da Galileia, quando receberam o convite de Jesus para se tornarem “pescadores de homens”<sup>5</sup> (BIBLIA, Mt 4:18-22). Sobre o nome do apóstolo:

O nome Tiago deriva da latinização de *Jacob* (em hebraico) para *Iacobus*. Em espanhol e português a aglutinação de Sant’Iago deu origem a Santiago, em francês é conhecido como Saint Jacques e em Inglês como Saint James (MENDES, 2009, p. 1).

Ainda na narrativa eclesiástica, o apóstolo Tiago, após a Ressurreição de Cristo, pregou na Espanha e Portugal, mas não obteve muito sucesso na Península Ibérica, de modo que retorna para Jerusalém, onde é perseguido por Herodes Agripa<sup>6</sup> e martirizado no ano 42 (SANTOS, [s.d]). Seus restos mortais foram supostamente recolhidos por dois de seus seguidores, Teodoro e Atanásio, e levados para a região espanhola de Iria Flavia, que atualmente situa-se a cidade de Santiago de Compostela.

Em 812 ou 813 o eremita Pelayo (ou Pelagio) avistou os seguintes sinais no bosque de Libredón: “a) o aparecimento de alguns anjos revelando a sepultura do apóstolo Santiago; b) a presença ininterrupta de uma luz sobre aquele local, o bosque Libredón; e c) a emissão de música celestial daquela misteriosa tumba”<sup>7</sup> (GONZÁLES, 2017, p. 404). O eremita comunicou o ocorrido ao bispo Teodomiro<sup>8</sup>, conforme relato a seguir.

Pelayo, um eremita das proximidades da igreja de San Félix de Sobobio, teve a revelação de que os restos mortais de Santiago foram encontrados no local onde os paroquianos da referida igreja haviam visto sinais luminosos. Estes fatos foram rapidamente levados ao conhecimento do Bispo de Iria Flavia, Teodomiro, que, depois de verificar pessoalmente as luzes e depois de jejuar por três dias, foi com um grande número de seus fiéis ao local onde os prodígios luminosos foram produzidos e ali encontraram o túmulo do apóstolo. Um local que, a partir de então, passou a ser conhecido como ‘campus stellae’ – Compostela.” (MATEOS; ABAD ROSSI, 1997, p. 5, trad. livre)<sup>9</sup>.

<sup>4</sup> Costuma-se chamá-lo de São Tiago Maior para diferenciá-lo do também apóstolo São Tiago Menor, filho de Alfeu.

<sup>5</sup> *Ambulans autem Jesus juxta mare Galilææ, vidit duos fratres, Simonem, qui vocatur Petrus, et Andream fratrem ejus, mittentes rete in mare (erant enim piscatores), et ait illis: Venite post me, et faciam vos fieri piscatores hominum. At illi continuo relictis retibus secuti sunt eum. Et procedens inde, vidit alios duos fratres, Jacobum Zebedæi, et Joannem fratrem ejus, in navi cum Zebedæo patre eorum, reficientes retia sua: et vocavit eos* (BIBLIA, Mt 4:18-22).

<sup>6</sup> Filho de Herodes, o grande, aquele que foi o responsável, no ano 6º da era cristã, por mandar matar os meninos com menos de dois anos de idade (SANTOS, [s.d]).

<sup>7</sup> No original “a) la aparición de unos ángeles revelando el lugar de la sepultura del apóstol Santiago; b) la presencia ininterrumpida de una luz sobre aquel lugar, el bosque Libredón; y c) la emisión de música celestial desde aquella misteriosa tumba” (GONZÁLES, 2017, p. 404.).

<sup>8</sup> Morreu em 847, foi Bispo de Iria Flávia, na Galiza. Não encontramos seu nome completo.

<sup>9</sup> No original: Pelayo, un eremita de las inmediaciones de la iglesia de San Félix de Sobobio, tuvo la revelación de que en el lugar donde los feligreses de la citada iglesia habían visto señales luminosas se encontraban los restos de Santiago. Estos hechos se pusieron, rápidamente, en conocimiento del obispo

Ainda segundo a descrição, foram encontrados, na mesma tumba, três corpos – possivelmente o de Tiago e de seus dois discípulos, Teodoro e Atanásio. A descoberta foi comunicada ao Rei Affonso II de Astúrias (792-842), que mandou construir uma igreja no local. Inicialmente, segundo Mateos e Rossi (1997), a peregrinação na Idade Média ao túmulo era realizada de forma mais local, mas alguns fatores de ordem histórica fizeram com que a visitação ganhasse proporções gigantescas, sobretudo pelo fato de o corpo ter sido localizado no reino asturiano, epicentro do combate aos Mouros e exemplo de manutenção dos ideais cristãos.

Nesse sentido, ao longo da Idade Média, foram três as grandes peregrinações dos católicos: nos lugares santos por onde transcorreu a vida de Jesus; na cidade de Roma e os túmulos dos apóstolos São Pedro e São Paulo e “Compostela, porque o túmulo do Apóstolo Santiago apareceu espontaneamente no século IX. Estas romarias caracterizavam-se por uma grande afluência e pelo facto de virem pessoas de todo o mundo, independentemente das grandes distâncias que tinham de percorrer”<sup>10</sup> (MATEOS; ROSSI, 1997, p. 5, trad. livre). Atualmente, a peregrinação à Santiago de Compostela pode ser realizada por três macro vias, com as suas devidas variações: i) o caminho Francês, o mais tradicional, chegando a 800 km de extensão e tem duração média de 25 e 35 dias de caminhada; ii) o caminho Espanhol, podendo chegar a 825 km e 35 dias de caminhada, caso o peregrino prefira o chamado ‘Caminho do Norte’; e iii) o caminho Português, com 250 km e duração entre 12 ou 13 dias. As rotas podem ser evidenciadas no cartograma a seguir.

Figura 1 – Possíveis rotas para Santiago de Compostela (Espanha)



Fonte: Lemes (s.d.).

O peregrino, como é chamado aquele que viaja em busca de um ideal espiritual, está presente em diversas culturas. Este comumente segue um tipo de caminho que representa metaforicamente o traçado da existência humana, ou como cita Lazcano (2017, p. 402): “o

de Iría Flavia, Teodomiro, que, tras comprobar personalmente las luminarias y después de ayunar tres días, se dirigió con gran número de sus fieles hacia donde se producían los prodigios luminosos y allí encontraron la tumba del Apóstol. Lugar que, a partir de entonces, comenzó a conocerse como “campus stellae” – Compostela. (MATEOS, ROSSI, 1997, p. 5).

<sup>10</sup> No original: *Compostela, por haber aparecido en el siglo IX, espontaneamente, la tumba del Apóstol Santiago. Estas peregrinaciones se caracterizaron por una gran afluencia y por acudir a ellas gentes desde todos los lugares, sin importar demasiado las grandes distancias que tenían que recorrer* (MATEOS; ROSSI, 1997, p.5).

caminho é sinal de vida”. Para isso, o autor também evidencia quatro notas específicas para a peregrinação: “a) uma rota determinada; b) o esforço físico; c) um espaço estranho ou estrangeiro; e d) um teste espiritual”<sup>11</sup> (LAZCANO, 2017, p.402).

O simbolismo por trás do trilhar uma rota física e espiritual foi tema do *best seller* “Diário de um mago”, de Paulo Coelho, que relata sua peregrinação na década de 80, saindo do sul da França em direção à Santiago de Compostela. Ao longo da caminhada no livro, metáfora da própria existência, fica evidente o sentimento de peregrinação, com lições aprendidas e retomada de ideais místicos e religiosos, remanescentes da busca de um ideal, simbologia de uma cultura medieval.

Retomando o âmbito da nomeação da galáxia, como disposto nos relatos, foram assimilados os vestígios luminosos que levaram ao túmulo do apóstolo à faixa esbranquiçada de estrelas, a ‘Via Láctea’, fato que pode ainda ter fornecido a denominação toponímica para a cidade de Compostela (*campus stellae*). Os astros, neste caso, funcionaram como um tipo de prenúncio do local exato do túmulo, relato semelhante ao da estrela-guia para o nascimento de Jesus, descrito em *Matthau* (BIBLIA, 2005). Via Láctea é intitulada de ‘Caminho de Santiago’ pois

[...] em terra, o desenho da Via Láctea, que indica a direcção de Santiago, servindo assim, na Idade Média, de orientação durante a noite aos peregrinos. Esta associação deu ao Caminho o nome de Caminho das Estrelas e fez com que a chuva de estrelas fosse um dos símbolos do culto Jacobeu, juntamente com a Vieira, a Cabaça e o Bordão. Estes dois últimos objectos faziam parte da indumentária do peregrino: a cabaça servia para guardar água ou vinho e o bordão para afugentar cães e lobos e ajudar a caminhar (MENDES, 2009, p. 5).

A locução nominal ‘Caminho de Santiago’ teria chegado ao Brasil por meio dos colonizadores ibéricos e está lexicalizada em obras mais gerais, como por exemplo em Caldas Aulete (1986), pela entrada ‘Via Láctea’:

[...] larga faixa esbranquiçada que em noites serenas se vê no céu, abrangendo quase um círculo máximo da esfera celeste, formada por massas de estrelas e nuvens estelares, e que é a visão longínqua da nossa galáxia. Também lhe chamam **caminho**, **carreiro** ou **estrada de São Tiago**. (AULETE, 1986, grifos nossos).

Alguns trabalhos em âmbito brasileiro e europeu já analisaram o universo das nomeações para a galáxia, caso de Cardosos e Teles (2017), com dados da Bahia; de Aguilera, com os atlas linguístico do Paraná e do Mato Grosso do Sul (2019); de Álvares (2021) com dados do Brasil, Espanha e Galícia; de Serra e Silveira (2022) com o *Atlas Linguístico do Maranhão*, os resultados desses estudos serão utilizados no capítulo analítico a seguir.

### **3 O FENÔMENO CELESTE EM PAUTA: DESIGNAÇÕES PARA ‘A FAIXA CHEIA DE ESTRELAS’.**

Os dados aqui apresentados são oriundos da coleta realizada para compor o *Atlas Linguístico Topodinâmico e Topoestático do Estado do Tocantins* (ALITTETO) (SILVA, 2018), auferidos em doze cidades do estado nortista: Araguatins, Tocantinópolis, Araguaína, Araguacema, Palmas, Pedro Afonso, Porto Nacional, Gurupi, Mateiros, Formoso do Araguaia, Natividade e Paranã.

<sup>11</sup> No original: “a) una ruta determinada; b) el esfuerzo físico; c) un espacio extraño o extranjero; y d) una prueba espiritual”<sup>11</sup> (LAZCANO, 2017, p. 402).

Ao todo foram entrevistados 96 informantes, distribuídos por variáveis extralinguísticas: duas faixas etárias (18 a 30 anos e 50 a 65), sexo e tipo de mobilidade – informantes topoestáticos (nascidos e estabelecidos nas localidades) e topodinâmicos (migrantes e ou procedentes de deslocamentos, mas que habitam a localidade de pesquisa há mais de 10 anos).

Do Questionário Semântico-Lexical (QSL), aplicado aos informantes, faz parte a pergunta trabalhada neste texto, a saber: 023: Numa noite bem estrelada, aparece uma banda ou faixa que fica no céu de fora a fora, onde tem muitas estrelas muito perto umas das outras. Como chama esta banda ou faixa? O intuito da pergunta foi o de averiguar o saber lexical dos diferentes grupos de informante quanto às nomeações celestes que, antigamente, norteavam a vida em comunidade e que hoje está em vias de desaparecimento.

Nos estudos ibéricos e brasileiros são abundantes as locuções nominais iniciadas por ‘caminho’ ou ‘estrada’, seguidas de vinculações hagiotoponímicas, ou seja, vinculadas à nomes religiosos, de santos, conforme descrito por Álvarez (2021). No português brasileiro, podem ser vistos outros processos ritualísticos e metafóricos incluídos no universo das designações, como indicado por Aguilera (2019), com os dados do *Atlas Linguístico do Paraná* (ALPR) (AGUILERA, 1994) e do *Atlas Linguístico do Mato Grosso do Sul* (ALMS) (OLIVEIRA, 2007) que remetem à ‘cova’, ‘túmulo’, ‘caixão de Adão e Eva’, por exemplo.

Nos dados do ALITTETO foram obtidos, no cômputo geral, 44 respostas distribuídas por seis (06) variantes/agrupamentos conforme Quadro 1. Chamamos a atenção para o número de informantes que não souberam responder ao questionamento (55), indicando a não usualidade de lexias ligadas aos astros, tema que será tratado mais à frente.

**Quadro 1** – Distribuição das variantes para a questão 023 do QSL

Variantes	Número de ocorrências	%
Caminho de Santiago	17	17.17%
Constelação	15	15.15%
Cruzeiro/ Cruzeiro do Sul	8	8.08%
Via Láctea	2	2.02%
Conjunto	1	1.01%
Caminho de São Francisco	1	1.01%
Não soube	55	55.56%

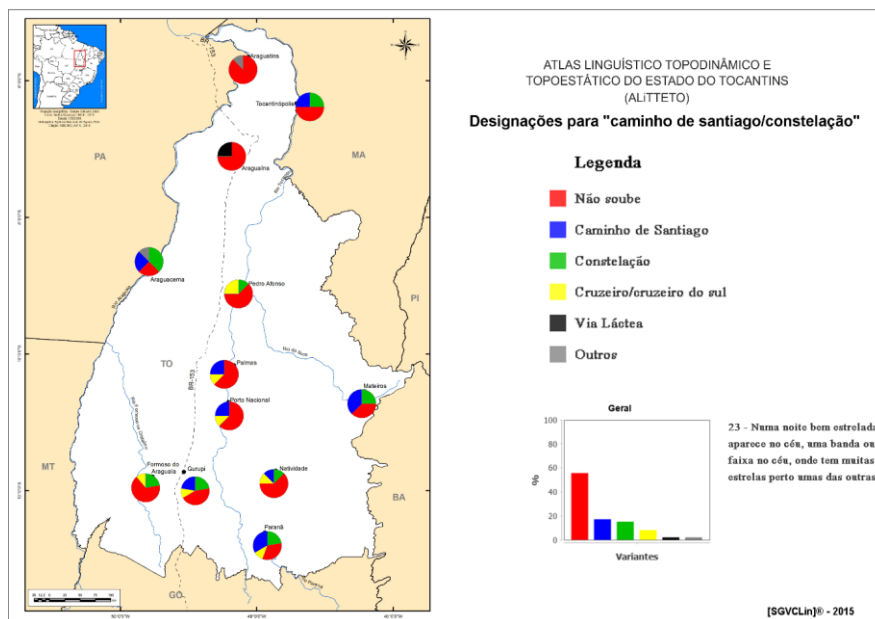
**Fonte:** Elaborado pelas autoras (2022).

A forma mais produtiva foi ‘Caminho de Santiago’, assim como nos dados da Bahia, trabalhados por Cardoso e Teles (2017), no ALMS e do ALPR trabalhados por Aguilera (2019) e na macroamostra de Álvarez (2021), envolvendo *corpora* do Brasil, Espanha e Portugal, do *Projeto Tesouro do léxico patrimonial galego e português* (TLPGP). Ou seja, a nomeação cristã é hegemônica nos estudos elencados e nas três línguas neolatinas (português, espanhol e galego).

Ainda, nos trabalhos descritos, a diatopia não é fator preponderante na análise e na interpretação das formas ‘Caminho de Santiago’, ou seja, não se verificam áreas exclusivas de ocorrência demarcadas com a forma, as isoléxicas, fato que também pode ser atestado nos dados

tocantinenses, marcados na cor azul na Carta Lexical a seguir, denominada Figura 2. A variante está disseminada pelo Estado, não ocorrendo em localidades mais nortistas (Araguatins e Araguaína) e uma mais sulista (Formoso do Araguaia):

**Figura 2** – Carta Lexical para a questão 023 do ALiTTETO – ‘Caminho de Santiago’



Fonte: Silva (2018).

A segunda forma para cognominar o referente em questão é ‘constelação’ (15 respostas) que, para Milone (2018) “[...] vem do vocábulo latino *constellatio*, que significa reunião de astros, muito embora as estrelas de uma constelação não estejam fisicamente reunidas pela gravitação em função das enormes distâncias que as separam” (MILONE, 2018, p.12, grifo nosso). A forma ‘constelação’ também é encontrada de forma dispersa pelo território de pesquisa, de acordo com a Carta dialetal da Figura 2, sendo registrada em oito localidades. Também houve registros da variante nos dados do *Atlas Linguístico Brasileiro* (ALiB), com os dados do Paraná e do Mato Grosso do Sul (AGUILERA, 2019).

Em terceiro lugar, com 08 ocorrências temos o agrupamento coletado ‘cruzeiro’/‘cruzeiro do sul’, que remete ao tipo de constelação em formato de cruz, formado a partir de cinco estrelas: Rubídea, Mimosá; Magalhaes ou Acrux, Páida e Intrometida (SOUZA, 2015). Pode ser tratar de uma designação mais generalista por parte do informante, uma vez que difere da ‘faixa de estrelas’ solicitada no *caput* da questão. Em termos diatópicos, ocorreu em sete localidades, a partir do centro-sul do Tocantins. E também consta nos dados do Paraná e do Mato Grosso do Sul, coletados pelo ALiB (AGUILERA, 2019).

Com apenas duas citações, temos a forma escolarizada ‘Via Láctea’, ambas auferidas na cidade de Araguaína, norte do Tocantins. Nos dados de Álvarez, a variante é mais recorrente no Brasil: “A forma culta Via Láctea, conhecida por via escolar, surge raramente no trabalho de

campo nos territórios europeus estudados; a julgar pelos dados do TLPGP (só 1 vez na Galícia) tem maior implementação no Brasil”<sup>12</sup> (ÁLVAREZ, 2021, p. 26, trad. livre).

As hápax ‘conjunto’ e ‘caminho de São Francisco’ foram coletadas, respectivamente, em Araguatins e Araguacema, ambas cidades do extremo norte, proferidas pelo público masculino. A primeira representa uma resposta mais genérica fornecida pelo informante; já a segunda ocorre possivelmente pelo fato de o falante não se lembrar do nome do santo e rememorar apenas ‘Francisco’ ao invés de ‘Tiago’, processo também ocorrido em Álvarez (2021, p. 34): “A motivação se resume em que a base denominativa é ‘caminho de um santo’ e, não nomeando o nome concreto, associá-lo a outro plausível”<sup>13</sup>. Também em Cardoso e Teles (2017, p.35): “destaca-se a manifestação presente, na quase totalidade das denominações, do sentimento religioso-cristão, com evocação de nomes de santos da Igreja católica, além de Santiago, forma majoritária na área, tais como São Felipe, São José, São Pedro, Nossa Senhora, Santa Polônia (Apolônia?)”.

Aguilera (2019) expõe questões importantes sobre a análise das nomeações fornecidas para a galáxia em *corpus* geolinguístico:

(i) a criação popular é muito fértil em associações mentais para atribuir nomes aos fenômenos da natureza dos quais o informante desconhece a nomenclatura padrão ou culta; (ii) pelo fato de as novas gerações não se deterem mais na observação do céu e dos astros, os índices de abstenção foram altos tanto nos dois trabalhos do MS como nos dados do ALiB-PR, mas não no ALPR; (iii) quanto às semelhanças entre os quatro *corpora*, verificamos que apenas duas formas são comuns a eles: *caminho de Santiago* e *cruzeiro do sul*; (iv) a religiosidade é muito marcante no ato de denominar a Via Láctea, seja buscando nomes do hagiológico romano, seja recorrendo a nomes bíblicos (AGUILERA, 2019, p. 74, itálicos do autor).

Por fim, em relação ao item ii) de Aguilera (2019), é intensamente marcado o desconhecimento do referente por parte dos informantes (55,56%), como se evidencia pelo rótulo ‘não soube’, na cor vermelha, no cartograma dialetal do Tocantins (Figura 02), sobretudo nas cidades mais ao norte (Araguatins e Araguaína). Notadamente, no trabalho de Cardoso e Teles (2017), as autoras já evidenciam uma significativa ausência de respostas ao utilizar dois *corpora* – do *Atlas prévio dos Falares Baianos* – APFB (ROSSI et al. 1963) - e do ALiB (CARDOSO et al. 2014), com uma diferença de 50 anos de um recorte para outro. No Atlas de 1963, há a ocorrência de 11 variantes, enquanto nos dados do ALiB-Bahia apenas cinco.

Em Aguilera (2019) também se testemunham perdas do referente se comparados os atlas estaduais paranaense e sul-mato-grossense (1994 e 2007, respectivamente) aos dados do ALiB, sobretudo no Paraná, conforme quadro ilustrativo, inicialmente elaborado por Aguilera (2019), com acréscimos sobre o *Atlas Linguístico do Maranhão - ALiMA* (RAMOS et al., s.d.) e o ALiTTETO:

**Quadro 2** – Índices de abstenções para o referente nos atlas linguísticos

Fonte	Nº informantes	Abstenções	%
-------	----------------	------------	---

<sup>12</sup> No original: “A solución culta *vía láctea*, coñecida por vía escolar, xorde raramente no traballo de campo nos territorios europeos estudados; a vulgar polos datos do TLPGP (só 1 vez em Galicia) ten maior implantación no Brasil” (ÁLVAREZ, 2021, p.26, itálico do autor)

<sup>13</sup> No original: “A motivación resúmense en que a base denominativa é ‘camiño dun santo’ e, non lembrando o seu nome concreto, asóciano con outro verosímil” (ÁLVAREZ, 2021, p.26).

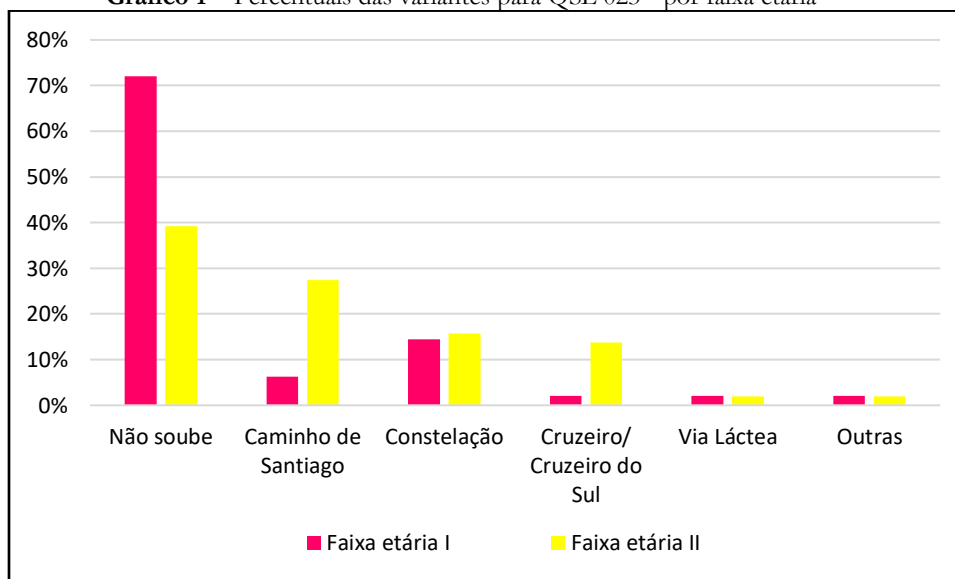
ALPR (1994)	130	38	29.2
ALMS (2007)	128	82	64.1
ALiB – PR	72	43	59.7
ALiB – MS	28	18	64.3
ALiMA – MA	68	48	?
ALiTTETO - TO	96	55	55.6

Fonte: Aguilera (2019), com adaptações das autoras (2023).

O exposto ainda vai ao encontro do estudo de por Serra e Silveira (2020) quanto ao mesmo questionamento, mas com foco no ALiMA. Segundo os autores, o desconhecimento está intrinsecamente ligado à faixa etária do informante, uma vez que a faixa etária I, entre 18 e 30 anos apresenta 62.5% de não respostas (SERRA, LIMA, 2020, p. 140).

Os fatores aqui expostos indicam que o fator diatópico para a ‘banda esbranquiçada no céu’ não é preponderante em relação a esses dados, podendo a variável faixa etária ser um indicativo de que o conhecimento do item esteja atrelado às gerações mais antigas e, portanto, em desuso nas faixas etárias mais jovens. Nesse sentido, o Gráfico 1 apresenta as variantes para a QSL 023 por idade: faixas etárias I: entre 18 e 30 anos; faixa II: 50 e 65:

Gráfico 1 – Percentuais das variantes para QSL 023 - por faixa etária



Fonte: Silva (2018)

Notadamente, os jovens demonstram desconhecimento do fenômeno celeste em pauta, cujos fatores podem estar ligados à maior urbanização das cidades e também à própria falta de costume de observar o céu, tornando os hábitos obsoletos e, conseqüentemente, as nomeações podem cair em desuso (ALTINO, SILVA, YIDA, 2021, no prelo).

Levando em conta ainda a faixa etária do informante no ALITTETO, as duas formas que prevalecem são: ‘Caminho de Santiago’ e ‘constelação’. A primeira é mais incidente nos mais velhos, enquanto ‘constelação’ ocorre de forma quase equânime nas duas faixas etárias. ‘Cruzeiro’/‘cruzeiro do sul’ também é mais usual na faixa etária II. O caráter diageracional fica evidente nos comentários dos informantes:

INF.- É o... Caminho de Santiago que a gente chama.

INQ.- O pessoal fala aqui Caminho de Santiago?

INF.- Fala. Sabe que... hoje quase nem percebe mais isso. (inint) Nos povoado aqui a gente ainda tem, né. Acho que ainda... vê ainda o pessoal falando. Na cidade mehmo, tem que gente que nem vê estrela. O povo vê as coisas que tá debaixo mehmo. Nem fora a gente ainda vê... tem muita gente que ainda... vê uma estrala e dá um nome pra ela, o que que representa, (inint.) e outra, é assim. [...] (Tocantinópolis 02/3)

INF. Eu nunca vi em livro, agora a minha mãe chamava camim’ de Santiago, agora num sei. (Tocantinópolis 02/7).

INQ.- O povo antigo tinha algum dizer do caminho de Santiago?

INF.- Meus pais só tinha assim sobre a estação, conforme a altura que ele tivesse, conforme a chuva.

AUX.- Para plantar a roça?

INF.- Não, conforme o lado que ele ‘tá, fala assim: “vai chover bastante esse outro mês ou tal dia vai chover bastante”, então tem que plantá tal data. (Porto Naciona 07/3).

INF.- Eu, eu num sei, eu num lembro bem, mas se eu num me engano a minha mãe falava, falava de Caminho de Santiago, se num me engano.

INQ.- Ah, a mãe do senhor falava?

INF.- É. Eu num tenho memória, mas parece que é isso mesmo. Caminho de Santiago. Que fica assim bem estreladinho, né, que tem uma parte assim que, que tem um, que eles falava o cruzeiro, né? E se eu não me engano ela falava que era o Caminho de Santiago. (Palmas 06/7)

Em suma, o universo designativo dos fenômenos celestes está atrelado às gerações mais velhas, fato evidenciado tanto pelos dados dialetológicos aqui apresentados, quanto pelos comentários epilinguísticos dos informantes do ALITTETO (SILVA, 2018). Do percentual de informantes que responderam, a maioria cita a nomeação cristã ‘Caminho de Santiago’, de tradição ibérica com grande aceitação nos costumes brasileiros.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esta pesquisa é uma mostra dialetológica do campo semântico ‘Astros e Tempo’, presente no subquestionário do *Atlas Linguístico Topodinâmico Topoestático do Estado do Tocantins* (ALITTETO). Trabalhamos especificamente com a questão de número 023 que visou a coleta das variantes para o aglomerado de estrelas, apontado por nossos informantes como ‘caminho de Santiago’, ‘constelação’, ‘cruzeiro’/‘cruzeiro do sul’, dentre outros.

A forma mais utilizada em nossos dados, ‘Caminho de Santiago’, remonta ao culto católico jacobeu, tradicional principalmente na Península Ibérica. Como se observou, a variante também é hegemônica em outros atlas linguísticos brasileiros, demonstrando uma relativa vitalidade da forma cristã, em detrimento da variante culta ‘Via Láctea’, de origem pagã.

Ainda, destacamos que os fatores diatópicos não evidenciaram marcas de ocorrências das variantes em regiões específicas do Tocantins, sendo todas as formas coletadas distribuídas de forma dispersa pelo território, sem aparente formação de isoléxica, por exemplo.

Por outro lado, o recorte diageracional, ou seja, pelas duas faixas etárias, nos fornece indicativos de que observar o céu e nomear os astros não tem sido corriqueiro para os mais jovens, a julgar pelo percentual de informantes que não souberam responder ao questionamento (55,56%). Ainda neste delineamento, as formas mais citadas: ‘Caminho de Santiago’, ‘constelação’ e ‘cruzeiro’/‘cruzeiro do sul’ são mais marcados entre os informantes da faixa etária II.

## REFERÊNCIAS

AFONSO, G. B. *Astronomia Indígena. Anais da 61ª Reunião Anual da SBPC*. Manaus, AM: UFAM, 2009. Disponível em: <[http://www.sbpnet.org.br/livro/61ra/conferencias/co\\_germanoafonso.pdf](http://www.sbpnet.org.br/livro/61ra/conferencias/co_germanoafonso.pdf)>. Acesso em 23 jan 2022.

AGUILERA, V. A. *Atlas Lingüístico do Paraná - ALPR*. Londrina: Eduel, 1994.

AGUILERA, V. A. A Via Láctea continua no espaço sideral, mas desaparece dos atlas linguísticos. *Guavira Letras*, v. 15, n. 31, 2019, p. 74-87.

ALTINO, F. C. SILVA, G. A.; YIDA, V. *Astros e tempo: o que o ALiB tem a dizer sobre o amanhecer, o nascer do sol e a alvorada*. 2021. No prelo.

ÁLVAREZ, R. Polos camiños da motivación e da Xeolingüística: os nomes da Vía Láctea. *Estudos Lingüísticos e Literários*, n. 71, p. 20-37, 2021. Disponível em: <<https://periodicos.ufba.br/index.php/estudos/article/view/48185>>. Acesso em 05 fev. 2023.

AULETE, C. *Dicionário contemporâneo da língua portuguesa*. Rio de Janeiro: Delta, 1986.

**BORGES, P. A. *Notas sobre o Caminho de Santiago***. Mensagem recebida por: <greize\_silva@uft.edu.br> em 01 fev. 2023.

CARDOSO, S. A. M. *Geolingüística: tradição e modernidade*. São Paulo: Parábola Editorial, 2010.

CARDOSO, S. A. M.; TELES, A. R T. F. Outros Caminhos de Santiago... os da Bahia (Brasil). In: GRANJA, M. A.; AGRELO, A. B.; SEONE, E. G. (Ed.) *Aproximacións á variación lexical no dominio galego-portugués*. Coruña, Universidade da Coruña Servizo de Publicacións, 2017. p. 29-42.

BIBLIA sacra juxta Vulgatam Clementinam- Edictio Electronica. Michael Tweedale (Ed.). Londres: MMV, 2005. Disponível em: <<https://www.wilbourhall.org/pdfs/vulgate.pdf>>. Acesso em 05 fev. 2023.

GRIMAL, P. *Dicionário da mitologia grega e romana*. Trad. Vitor Jabouille. 5 ed. Rio de Janeiro, Bertrand Brasil, 2005.

- HOUAISS, A. *Dicionário Houaiss eletrônico*. Instituto Antônio Houaiss. Rio de Janeiro: Objetiva, 2009.
- LAZCANO, R. L. El Camino de Santiago: realidad, leyenda y actualidad. *Compostellanum: revista de la Archidiócesis de Santiago de Compostela*, v. 62, n. 3, p. 401-441, 2017.
- LEMES, R. Caminho de Santiago de Compostela: mapa, história e rotas. *Eurotrip* [s.d.]. Disponível em: <<https://eurotrip.com.br/santiago-de-compostela/>>. Acesso em 05 fev. 2023.
- MATEOS, A. R.; ROSSI, D. A. *El camino de Santiago*. Madrid: Ediciones AKAL, 1997.
- MENDES, A. C. *Peregrinos a Santiago de Compostela: uma etnografia do caminho português*. Dissertação (Mestrado em Antropologia Social e Cultural). Instituto de Ciências Sociais, Universidade de Lisboa, 2009. Disponível em: <<https://repositorio.ul.pt/handle/10451/299>>. Acesso em 23 jan. 2023.
- MILONE, A. C. et al. Introdução à astronomia e astrofísica. *Instituto Nacional de Pesquisas Espaciais*, Divisão de Astrofísica. 2018. Disponível em: <[http://www.inpe.br/ciaa2018/arquivos/pdfs/apostila\\_completa\\_2018.pdf](http://www.inpe.br/ciaa2018/arquivos/pdfs/apostila_completa_2018.pdf)>. Acesso em 23 jan. 2023.
- OLIVEIRA, D. P. *Atlas Linguístico do Mato Grosso do Sul*. Campo Grande: UFMS, 2007.
- OLIVEIRA FILHO, K. S.; SARAIVA, M. F. O. *Astronomia e astrofísica*. Porto Alegre: Editora LF, 2014.
- PTOLEMEU, Claudio. *Ptolemy's almagest*. Translated by TOOMER, G. J. Princeton: Princeton University Press, 1998.
- ESTRELA (mitologia). *Infopedia Dicionários Porto Editora* [s.d.]. Disponível em: <[https://www.infopedia.pt/apoio/artigos/\\$estrela-\(mitologia\)](https://www.infopedia.pt/apoio/artigos/$estrela-(mitologia))>. Acesso em 10 agost. 2022.
- RAMOS, Conceição de Maria de Araújo. (Coord.). Projeto Atlas Linguístico do Maranhão. São Luís: Universidade Federal do Maranhão/Faculdade Atenas maranhense. (Departamento de Letras e Geociências). 60 p. Projeto em Andamento
- ROSSI, N.; FERREIRA, C.; ISENSEE, D. *Atlas Prévio dos Falares Baianos*. Rio de Janeiro: Ministério de Educação e Cultura; Instituto Nacional do Livro, 1963.
- SANTOS e ícones católicos: história de são tiago. Cruz Terra Santa, [s.d.]. Disponível em: <<https://cruzterrasanta.com.br/historia-de-sao-tiago/278/102/>>. Acesso em: 05 fev. 2023.
- SERRA, L. H.; SILVEIRA, T. S. O léxico como reflexo de comportamento social: o caso do Caminho de Santiago no Atlas Linguístico do Maranhão. *Revista Moara*, n. 55, jan-jul 2020. Disponível em: <<https://periodicos.ufpa.br/index.php/moara/article/view/9172>>. Acesso em 23 jan. 2023.

SILVA, G. A. *Atlas Linguístico Topodinâmico e Topoestático do Estado do Tocantins (ALITTETO)*. Tese (Doutorado em Estudos da Linguagem) – Universidade Estadual de Londrina, Londrina, 2018.

SOUZA, T.C. O Cruzeiro do Sul. In: *Centro de divulgação da astronomia da Universidade de São Paulo*, 2015. Disponível em: <<http://200.144.244.96/cda/jct/cruzeiro-sul/index.html>>. Acesso em 23 jan. 2023.